

Os decretos-lei nº 54 e nº 55 são textos que anunciam o sucesso escolar para todos, o que é de louvar. Porém, quando se começa a ler os anexos do nº 55, fica-se bastante apreensivo, tanto mais que o despacho para a organização do ano letivo oferece relativamente pouco a quem tudo tem de fazer: professores e escolas.

Num extenso percurso profissional trabalhando com crianças e jovens de todos os níveis de escolaridade – do Pré-escolar ao Superior – um professor conclui que a principal função da Escola é contribuir para a abertura do trilho da felicidade a todos os seres humanos. Atesta, lecionando áreas ditas nobres como Língua Portuguesa e Matemática, ou Latim, e, simultaneamente, outras, apelidadas de ‘apoio’ emocional (como Oficina de Teatro e quase todas as do âmbito das expressões artísticas), que qualquer uma tem a mesma importância na formação dos indivíduos e contribui inexoravelmente para um mundo melhor, mais rico e mais escrupuloso em fazer valer universalmente os direitos humanos.

A experiência profissional – que se quer reflexiva e de abertura total à experimentação pedagógica monitorizada por equipas multidisciplinares – conduz o professor à constatação inequívoca de que todas as crianças e jovens têm competências a desenvolver ao máximo: uns são ótimos numas coisas, outros noutras. Mas cada um vale sempre por si, na sua especificidade. Por isso, todos carecem de uma multiplicidade de linguagens e de meios que lhes proporcionem esse progresso. Nem todos nasceram em berços de letras em livros, jornais e revistas, ou de contas em máquinas de calcular e em programas *Excel*. E mesmo alguns dos que nasceram nestes ambientes precisam de seguir outras vias, que não as sempre implantadas na vida académica.

O mundo, onde a população duplicou em 40 anos, tem mudado muito mais do que soía. O jornalismo parece em extinção, no papel, e é difícil o seu relevo *online*; as artes (música, pintura, literatura, escultura, teatro, cinema, dança e tantas outras) chegam virtualmente a toda a gente. Tudo muda, no que diz respeito ao conhecimento, de uma forma líquida: a Biologia roça a Poesia quando se trata de Ecologia, assim como a Mecânica de Solos se pode transformar em Literatura quando se propõe construir narrativas (de vida, porque não?) que exortem a luta contra o *fracking*.

Incluir, flexibilizar, inovar. E o professor do ensino regular descobriu um dia que ‘D’, aluno autista a quem nunca ouvira uma palavra, ‘falava’ em comunicação via Facebook sobre todas as coisas da vida, não como um papagaio, mas como um ser humano a quem foi proporcionado um caminho. E a partir daí, foi capaz de escrever textos, de os ilustrar, de enunciar situações problemáticas e até de passar a falar ocasionalmente na turma. Todos temos direito a uma educação que nos proporcione liberdade e cidadania. Uma questão de inclusão. Mas não foi para o século XXI que se inventou a escola do século XIX.

A importância de serem praticadas na escola todas as linguagens é diretamente proporcional à condição de todos os alunos atingirem níveis de proficiência elevados. Se tal não acontecer em todos os níveis de ensino, continuar-se-á a aumentar o fosso entre o que os professores pressupostamente ensinam e o que os alunos deveras aprendem. Quando se fala em flexibilidade curricular para responder às necessidades mais prementes dos estudantes no seu contexto e no sentido de

abranjer de forma interdisciplinar competências mais complexas que deverão ser expostas e avaliadas em diferentes meios, incluindo os tecnológicos e os artísticos, induzem-se práticas pedagógicas novas – ou já antigas, mas pouco postas em prática: trabalho em grupo, metodologias de projeto, experimentação e outras, onde a entreada é sempre um ponto de partida para algo melhor.

Neste sentido, o Decreto-Lei nº 54/2018 e o Decreto-Lei nº 55/2018 são textos que anunciam o sucesso escolar para todos, o que é de louvar. Porém, quando se começa a ler os anexos do 55, onde, apesar da liberdade autonómica concedida às escolas, se encontra o saber espartilhado por diferentes disciplinas e ‘à hora’ – mais no 1º Ciclo, medida, aliás, encetada por Nuno Crato – fica-se bastante apreensivo, tanto mais que o Despacho Normativo nº 10-B/2018, para organização do ano letivo, oferece relativamente pouco a quem tudo tem de fazer, isto é, aos professores e às escolas.

Enquanto houver estrada... O não investimento na formação de professores pode articular-se com a falta de condições estimulantes de trabalho (e de remuneração) dos últimos anos. Apesar de a Escola (sobretudo a pública) ser o único reduto onde, por direito, os filhos das comunidades podem ser ‘entregues’ para crescerem como cidadãos responsáveis e futuros construtores de um universo melhor, é um facto que os eleitos por essas mesmas comunidades não têm sabido cuidar dessas suas mais-valias – se se fala em *burnout* entre os tão envelhecidos professores, é bom que estejamos atentos...

Os docentes precisam de estabelecer relações diferentes com as turmas, nomeadamente na organização do trabalho no quotidiano. Carecem de aprender, verdadeiramente, a ver em cada aluno um potencial de descoberta do conhecimento, além da sua origem social, da sua etnia, da sua maneira de ser igual ou diferente. Têm de renovar técnicas e estratégias. Sobretudo, que as escolas constituam equipas (conselhos de turma + grupos de técnicos multidisciplinares) que vejam a avaliação como um processo em construção que acompanha e faz evoluir as aprendizagens a toda a hora, em todos os lugares e através de todas as linguagens.

Mas poderão os docentes encetar essa formação quando são chamados, sobretudo nos anos de exame, que são os terminais de ciclo (onde tudo parece desembocar na sua maior importância), a classificar, a transformar as aprendizagens num processo de educação baseado numa avaliação obsoleta e pernicioso? A paixão pela educação foi sempre dos professores. De entre estes, os utópicos loucamente apaixonados, contra ventos e marés. Arriscaram, inovaram, resistiram. O mal-estar docente existiu desde que foi necessária a mudança, sem contrapartidas dos governos, numa função onde há sobretudo bons profissionais que reedificam a Escola quotidianamente. “Felizes aqueles que se atrevem a defender corajosamente o que amam” (Ovídio).

Enquanto houver estrada para andar...